

Empresários criticam rumos do governo Lula

ESTADO DE SÃO PAULO

06 MAR 2004

06 MAR 2004

Documento do setor de infra-estrutura alerta: País está ficando sem renda e sem regra

MILTON F. DA ROCHA FILHO

Um documento da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib) expressa, pela primeira vez, de forma agressiva, desencanto com o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Também alerta que “o Brasil está se transformando em um País sem renda e sem regra, dificultando a atração consistente e constante de investimentos nos setores industrial e de infra-estrutura”.

E complementa com outra denúncia: “O mercado consumidor brasileiro tem perdido atratividade com o achatamento dos salários e o aumento da informalidade. A quantidade de bons projetos em áreas como energia, saneamento e transporte e logística vem sendo ofuscada pela instabilidade na regulação.”

Na avaliação dos dirigentes da Abdib, em vez de atacar os entraves ao investimento, “a reação governamental está sendo pautada por uma agenda de remendos, composta por medidas porosas, em vez de perenes”.

O texto alerta ainda que a mobilização no Congresso para instalar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) “apenas afasta o País da verdadeira pauta de geração de emprego”.

O desencanto da Abdib vem crescendo desde o fim do ano passado, com a constatação de que 2003 foi perdido, consumido por muitas reuniões com autoridades e muito esforço na elaboração de propostas para criar e estabilizar um arcabouço regulatório para o investimento privado. “Na prática, o resultado foi aquém do esperado, com iniciativas incompletas.”

O documento é o mais forte de uma entidade empresarial sobre o atual governo. Os empresários entendem que “agora, a evolução negativa do PIB em 2003, aliada à diminuição persistente dos níveis de emprego e renda, sem reação coesa do governo, colocou em risco as expectativas de crescimento”. A Abdib reúne mais de 160 grupos empresariais de infra-estrutura e de base, que em 2002 faturaram R\$ 116 bilhões, com 295 mil funcionários.

O texto denuncia, de forma agressiva, também que “a falta de planejamento para induzir o País ao desenvolvimento, aliada à mobilização preponderantemente política no Congresso, apenas afasta o Brasil da verdadeira agenda do crescimento, geração de renda e emprego”. Para a Abdib, a apuração de denúncias precisa ser rigorosa, mas deve ser conduzida pelas instituições existentes para tais fins. O frenesi em torno da CPI deveria ser substituído pela criação do “mês da infra-estrutura” nos Poderes Executivo e Legislativo, “com a conclusão da elaboração e votação de legislações importantes, como a das Parcerias Público-Privadas (PPP), das agências reguladoras e dos marcos regulatórios dos setores elétrico e de saneamento”. “Há quatro anos, o fluxo de investimento direto estrangeiro (IDE) no Brasil vem diminuindo (*ver quadro*)”, reclamam os empresários.

Para a Abdib, “o País necessita é de uma verdadeira agenda positiva, composta por cinco pilares: 1) construção de marcos regulatórios estáveis, claros e atrativos ao capital privado, principalmente pa-

Economia - Brasil

Rafael Neddermeyer/AE



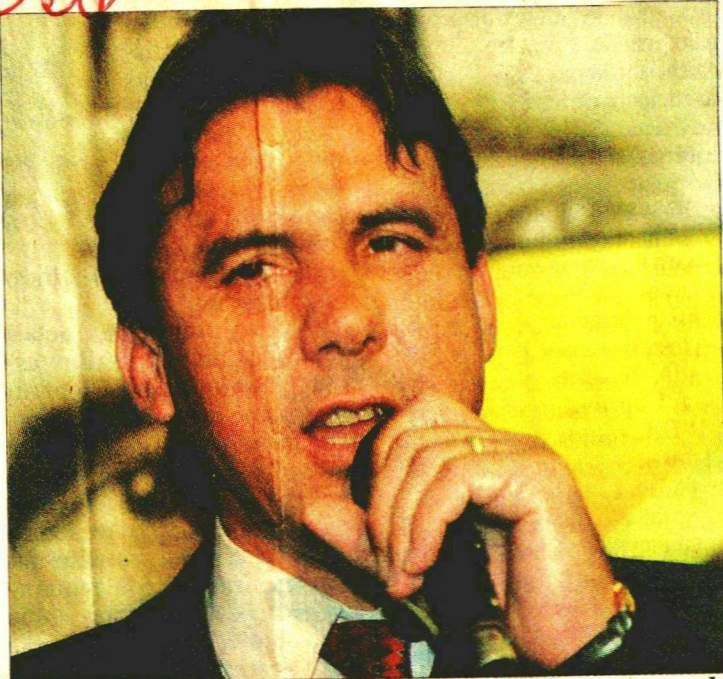
‘MEDIDAS POROSAS, EM VEZ DE PERENES’

ra os setores de energia elétrica, saneamento, transportes e logística (ferroviário, portuário, rodoviário e hidroviário); 2) consolidação da autonomia e independência das agências reguladoras; 3) ratificação da crença na necessidade do investimento privado no setor de infra-estrutura; 4) definição de bons projetos e apresentação a potenciais investidores nacionais e estrangeiros; 5) criação de mecanismos inovadores de captação e aplicação de recur-

sos, como as PPP e fundos lastreados em ativos e recebíveis”.

Os empresários salientam ainda que “o Brasil precisa de US\$ 20 bilhões anuais em investimentos em infra-estrutura apenas para eliminar gargalos ao crescimento”. “O governo, sozinho, poderá arcar com uma parte mínima desse montante”, observa o documento.

Para a Abdib, a retração da economia em 2003 não é fruto apenas da necessidade de fazer superávit fiscal e da manutenção de taxas de juros em níveis altos no ano passado, mas, sobretudo, da queda verificada no fluxo de investimento na produção e infra-estrutura.



Para Luiz Marinho, da CUT, os juros altos imitam a retomada